



Joel Rufino dos Santos

O saci e o curupira e outras histórias do folclore

Ilustrações
Zeflávio Teixeira

ea
editora ática

O saci e o curupira e outras histórias do folclore

© Joel Rufino dos Santos, 2002

Diretor editorial	Fernando Paixão
Editoras	Carmen Lucia Campos Claudia Morales
Editor assistente	Fabricio Waltrick
Redação	Baby Siqueira Abrão (Apresentação) Jurema Aprile (seção “Quero mais”)
Coordenadora de revisão	Ivany Picasso Batista

ARTE

Projeto gráfico Marcos Lisboa, Suzana Laub
Katia Harumi Terasaka, Roberto Yanez

Editora Suzana Laub
Editor assistente Antonio Paulos
Pesquisa iconográfica Lia Mara Milanelli
Editoração eletrônica Divina Rocha Corte
Moacir Matsusaki
Eduardo Rodrigues

Edição eletrônica de imagens Cesar Wolf

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

S233s

Santos, Joel Rufino dos, 1941-2015

O saci e o curupira e outras histórias de folclore /
Joel Rufino dos Santos ; ilustrações Zeflávio Teixeira. -
1.ed. - São Paulo : Ática, 2002.
64p. : il. -(Quero ler)

Apêndice

Acompanhado de suplemento de leitura
ISBN 978-85-08-08267-4

1. Folclore - Literatura infantojuvenil brasileira. I.
Teixeira, Zeflávio. II. Título.

09-2361.

CDD: 028.5

CDU: 087.5

ISBN 978 85 08 08267-4

CL: 732276

CAE:219038

2018

1ª edição

15ª impressão

Impressão e acabamento:

Todos os direitos reservados pela Editora Ática S.A.

Avenida das Nações Unidas, 7221 – Pinheiros – São Paulo – SP – CEP 05425-902

Atendimento ao cliente: (0xx11) – atendimento@aticascipione.com.br

www.aticascipione.com.br

IMPORTANTE: Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e o de muitos outros profissionais envolvidos na produção editorial e na comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros. Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.



Viagem em um mundo encantado

Responda com sinceridade: o que você faria se saísse por aí, numa noite muito escura, e de repente encontrasse... o saci? O curupira? E se fosse um homem do tamanho de um dedal? Ou um cavalo de um olho só?

Você fugia ou ficava, para saber no que é que ia dar?

Pois olhe, os personagens dessas histórias deste livro ficaram. Pagaram pra ver. E viram.

Para saber o que aconteceu com eles, basta acompanhar as aventuras que começam daqui a pouco, nas próximas páginas. Então você vai entrar num mundo encantado, cheio de personagens intrigantes e misteriosos do nosso folclore. O escritor Joel Rufino dos Santos é quem vai guiar sua viagem. Ele conhece muito bem as peripécias do saci, do curupira e de outras figuras que andam por aí assustando e divertindo a gente há séculos.

Quer mais? No final do livro, você vai ficar sabendo mais sobre as lendas do folclore, a história e os costumes do povo brasileiro.



Sumário

O saci e o curupira | 7

A botija de ouro | 15

Rainha Quiximbi | 25

Dudu Calunga | 31

Cururu virou pajé | 37

História de Trancoso | 45

Quero mais | 55



O saci e o curupira

Era uma vez um homem muito pobre.

Ele saía para caçar de dia, voltava sem nada. Aí resolveu experimentar de noite.

– É muito perigoso – avisou a mulher. – Se você ouvir barulho de pau batendo na árvore, pode voltar. É saci, querendo saber se a árvore vai resistir à tempestade que vem.

– Paque, paque!

Alguém batia na árvore, mas ele nem notava. Até que numa clareira topou com o Saçaruê, pulandinho numa perna só:

– Quem que lhe deu ordem pra caçar a esta hora?

– Ninguém – disse o homem, tremendo. – Mas é que sou muito pobre e não arrumo caça de dia.

– Gostei de você – falou o saci. – Você tem fumo?

O matuto deu fumo pro cachimbo do negrinho.

– Vamos fazer um trato – disse ele, baforando. – Se você me trazer fumo toda noite, eu lhe arrumo caça.

Toda noite o pobre saía levando fumo pro saci.

E voltava com uma caça nas costas. Até que o fumo dele acabou.

– Faça uma coisa – sugeriu a mulher. – Leve estrume seco de cavalo. Ele pensa que é fumo e lhe dá a caça. Sem comida é que não podemos passar.



O homem morria de medo de enganar o saci, mas levou.

– Eta fuminho fedorento!... – comentou o calunga.

– É que tava guardado na estrebaria – mentiu o homem.

Na noite seguinte o saci não apareceu. Nem na outra, nem na outra. O homem ficou aborrecido e jogou a culpa na mulher:



– Ara, diabos! Você que me mandou enganar o ne-
guinho...

Uma bela noite eles estavam dormindo, desanima-
dos, barrigas vazias, quando bateram na porta.

– Não é ninguém – disse a mulher. – É a minha bar-
rigança fazendo rom-rom.

Tornaram a bater. O homem se levantou para espiar
pelo cantinho da janela. Era o curupira.

– O senhor não tem aí um pouquinho de pólvora? –
perguntou o menino de calcanhar virado. Mas pergun-
tou baixinho.

– Tenho e não tenho – respondeu o homem, maluco
pra fazer comércio.

– Se o senhor me arrumar um pouco de pólvora –
disse o curupira –, cada noite lhe trago uma caça como
essa. Só peço uma coisa: sua mulher não pode saber
que sou eu.

A mulher, porém, tinha visto pela janela. Quando o
homem entrou, ela foi logo dizendo: era o curupira, e
coisa e tal.

– Era mesmo – confessou o homem. – Mas ele pediu
pra não contar a você.

– Ele pensa que mulher não é gente – respondeu a
mulher enfezada. – Quem não é gente é ele, nem bura-
quinho tem pra fazer xixi...

Uma noite o curupira cansou de bater na janela, ca-
dê que o homem vinha abrir? Estava doente.